

[01.] **Introdução.** É sabido que a filosofia compreendida como uma *reflexão crítica*, que busca *as raízes* dos problemas, e que pensa os temas *na totalidade* na qual estão inseridos, não acontece apenas na esfera da *expressão acadêmica explícita*. É possível encontrá-la em diferentes esferas de um determinado contexto cultural. Nesse sentido, podemos lembrar, a filosofia pode estar presente na modalidade de uma elaboração implícita, como atividade espontânea da condição humana. O exercício do pensar e do repensar leva a consciência humana ao movimento que parte da cotidianidade da vida concreta. A vida cotidiana é a vida de cada um e de todo homem (HELLER, 2004, p. 17), condição humana inafastável, e por isso condição que é vivida por todos indistintamente. E ainda que ninguém consiga se desligar inteiramente da cotidianidade, o poder de pensar, de sentir, de elaborar formas de reflexão sobre a significação da cotidianidade mais próxima e o sentido da própria existência, já é um *pensamento filosófico*, ainda que não explicitamente elaborado em categorias e conceitos, ainda que não sistematizado. Pois, afinal, esse *ultrapassamento* dialético do particular, por inicial que seja, na direção do abstrato, já é o pensar de um grupo social, de uma comunidade, de uma sociedade, de um povo. É bem verdade que em geral, essa forma de saber constitui o *senso comum*, mas que mesmo nessa condição elementar de pensamento, contém um alcance filosófico que não pode ser ignorado, na medida em que todos os homens que pensam são filósofos, no dizer de Gramsci, eis que ninguém fica inteiramente imerso na sua condição físico-natural, por mais que a cotidianidade venha a absorver a condição humana de alguém.

Mas numa esfera situada para além dessa vivência mais *pragmática*, encontramos uma segunda maneira de conceber a filosofia, quando a expressão da compreensão humana é mais organizada conceitualmente, com maior consistência na conexão interna de seus elementos, conceitos e leis explicativas dos fenômenos, e com maior sistematicidade e poder explicativo. É a chamada *consciência filosófica pressuposta*, porque embora não constituída autonomamente, fica acoplada a outras formas explicativas mais complexas e mais elaboradas. É a filosofia *pressuposta* em específicas práticas religiosas, artísticas, científicas, políticas, jurídicas e assim por diante, que *pressupõem* cada uma delas uma determinada *filosofia* a lhes dar fundamento e maior consistência. Há uma filosofia subjacente aos discursos das pessoas, dos grupos, sejam eles religiosos, artísticos ou científicos, enfim, teóricos ou práticos.

Mas há, finalmente, uma outra esfera situada para além da *vivência pragmática* e além da *filosofia pressuposta*, que é a esfera que indica a condição na qual o homem *ultrapassa* a cotidianidade - e essa é a *condição da filosofia* - de maneira mais radical. É quando o *modo de realidade* do humano desde suas necessidades, desde as pulsões e desde os desejos (os *inconscientes* até os *metafísicos*) e desde os interesses, desde seu horizonte existencial, avança para além da cotidianidade mais imediata, *e se move na totalidade* de sentido. *Totalidade* que, no entanto, não esgota tudo, nem se esgota em si mesma, porque a necessidade de *ultrapassamento* exige sempre o horizonte da *exterioridade*, lugar do sentido *mais originário*. Esse movimento, do concreto ao abstrato, requer continuidade, é o caminho, agora do abstrato ao concreto, do, agora, simples ao complexo. Assim, se a cotidianidade é a condição do filosofar, a filosofia, genuinamente, é o movimento que vai do abstrato - do mais indeterminado - ao concreto - ao mais determinado. Do universal ao singular ou particular. Portanto, se o ponto de partida da investigação filosófica é o real e concreto - acerca do qual temos uma representação mais clara ou mais confusa, nosso mundo concebido conceitualmente -, esse conhecimento não se confunde, no entanto, com a realidade. Estamos, assim, diante de um duplo movimento. O movimento de fundamentação, que se dá pela condição humano-genérica de ultrapassamento do particular rumo ao universal, para no caminho descendente retornar à cotidianidade.

É nessa dialética mais complexa da consciência que a presença da filosofia se dá num *terceiro sentido*. É quando, a reflexão sistemática volta-se intencionalmente sobre essa realidade em geral, ou sobre a vida humana, utilizando-se das mais diversas mediações conceituais e categoriais, de maneira explícita, como uma prática que é realizada “por especialistas que a ela se dedicam de maneira técnica, metódica e sistemática” (SEVERINO, 2002, p. 22). Nesta esfera, a filosofia se apresenta como a expressão explícita da reflexão, com as exigências da criticidade e da radicalidade, sobre a totalidade da realidade, incluída aí a realidade do próprio pensar.

Embora de algum modo as *três esferas*, bem como as *três concepções de filosofia* estejam sempre entrelaçadas, no presente estudo o *segundo* e o *terceiro* sentidos da *filosofia* serão os mais utilizados.